

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

Débora de Lurdes Millos Rodrigues

**AS MULHERES DO QUILOMBO ANASTÁCIA E
SUAS MEMÓRIAS: PROTAGONISMO, CONHECIMENTOS
ANCESTRAIS E AS CIÊNCIAS DA NATUREZA.**

Porto Alegre
1º Semestre
2020

Débora de Lurdes Millos Rodrigues

**AS MULHERES DO QUILOMBO ANASTÁCIA E SUAS
MEMÓRIAS: PROTAGONISMO, CONHECIMENTOS
ANCESTRAIS E AS CIÊNCIAS DA NATUREZA.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Orientador(a): Prof. Dr. Nelton Luis Dresch

Porto Alegre
1º Semestre
2020

Débora de Lurdes Millos Rodrigues

**AS MULHERES DO QUILOMBO ANASTÁCIA E SUAS
MEMÓRIAS: PROTAGONISMO, CONHECIMENTOS
ANCESTRAIS E AS CIÊNCIAS DA NATUREZA.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de —Licenciado(a) em Educação do Campo – Ciências da Natureza e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, obtendo conceito **A**

Porto Alegre, 30 de Novembro de 2020.

Prof. Dr. Antônio Marcos Teixeira Dalmolin
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Nelton Luis Dresch
Orientador
UFRGS

Prof.^a Dr.^a. Aline Reis Calvo Hernandez
UFRGS

Prof. Dr. Dilmar Luiz Lopes
UFRGS

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres negras por sua determinação e garra
na preservação da nossa cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar nesta trajetória e em todas as minhas escolhas. Agradeço aos meus familiares que sempre estiveram ao meu lado. Também agradeço o Quilombo Anastácia, toda a experiência e o convívio com as famílias envolvidas no trabalho. Agradeço o meu orientador por não ter desistido de me guiar e orientar. E, por fim, agradeço a todos que estiveram presentes, me auxiliaram a realizar a proposta desde sua elaboração até sua execução, muito obrigada.

“Na nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande, e sim para incomoda-los em seus sonhos injustos.”

Conceição Evaristo.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relacionar os saberes populares de uma comunidade quilombola, através da memória, e ancestralidade relacionando esta cultural com as ciências da natureza. Para este estudo utilizou-se a pesquisa participativa tendo como principal fonte de saberes e fazeres a líder da comunidade quilombola Dona Berenice de Deus. Em determinado momento as pesquisas de campo foram restritas e assim se utilizou da pesquisa bibliográfica permitindo identificar elementos que compõem a memória do quilombo, que diante da situação atual do planeta devido à pandemia do COVID-19, atividades diretas com os moradores mais antigos não ocorreram, conforme o esperado, o fato do distanciamento social e as dificuldades de acesso à internet pelos moradores do quilombo. A partir de todo este contexto atual, é essencial cultivar e valorizar o conhecimento dos mais velhos. As práticas que foram essenciais para sua coexistência, revelam como as ações do homem e a natureza, em toda sua essência se compõem para transmitir conhecimento, estes dialogados nos momentos espirituais, na produção de alimentos e principalmente nas energias trocadas na busca da cura através das plantas semeadas e cultivadas pelas mulheres quilombolas, para tratar os seus e aqueles que necessitavam de amparo.

Palavras-chave: Memória Ancestral. Cultura Negra. Ciências da Natureza. Mulher Quilombola

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Localização do município de Viamão RS.	14
Figura 2 - localização dos Quilombos de Viamão.....	15
Figura 3 - localização dos Quilombos da Anastácia e Manoel Barbosa	16
Figura 4 - Recantos do Quilombo da Anastácia.	17
Figura 5 - Detalhe da localização do Quilombo Anastácia.....	18
Figura 6 - “Lagoa da Anastácia”	19
Figura 7 - Gerações Da Família de Anastácia	21
Figura 8 - O nome e suas referências entre as gerações.....	22
Figura 9 - Anastácia de Oliveira Reis e descendentes.	22
Figura 10 - A mulher e suas representações no quilombo Anastácia	24
Figura 11 - As plantas e o conhecimento popular	25
Figura 12 - Capim Santa Fé	27
Figura 13 - Horta de dona Berenice.....	27
Figura 14 - Os Chás de dona Berenice no seu fogão a lenha	29
Figura 15 - Açude da Anastácia	30
Figura 16 - Sabão produzido por dona Berenice	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC– Base Nacional Curricular Comum

SEDUC-RS – Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul PCNEM-

Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

INCRA/RS-Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária / Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DE ESTUDO	14
3 AS CIÊNCIAS DA NATUREZA E O CONHECIMENTO QUILOMBOLA	23
3.1 AS MULHERES QUILOMBOLAS, CONHECIMENTOS LOCAIS E DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS.	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5 REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Memórias de infância: valorizando aprendizagens e saberes

Penso que nossas memórias são a base do que somos. Todo aprendizado que recebemos de nossos pais, dos nossos avós são formas de conhecer nossa história. Lembro-me da infância, de toda a dificuldade que, principalmente, minha mãe passou para criar eu e minha irmã: uma família negra e humilde sem muitos recursos. Para nos sustentar, ela enfrentou grandes barreiras por ser mulher negra e sem estudo. Com as mãos calejadas fez muitos tijolos em uma olaria para poder trazer o alimento para casa.

Em determinado momento minha mãe teve que nos deixar com nossos avós paternos para poder trabalhar. Por isso, em minhas memórias estão nítidas as imagens de meu avô com suas calças rasgadas, a enxada no ombro indo para a lida no terreno que cuidava. E quando minha avó me deixava eu o acompanhava. Ao longo dos anos fui aprendendo como se plantava milho, aipim e batata. Até o momento de ele perceber que era hora de me dar um cantinho no terreno para ter minha própria horta. Minha primeira colheita foi um milho e uma abóbora. Desta, ele fez um doce.

Embora pareça um exemplo simples de aprendizagem infantil, representa para mim que meus avós paternos, em vida, me ensinaram muita coisa e sou muito grata a eles. Os momentos que estivemos juntos proporcionou para minha vida, um aprendizado que nenhum livro ensina, pois em cada palavra contada fica registrado em nossa memória um momento especial da luta constante, de se perceber as pequenas coisas que para alguns é visto como sem valor, mas para uma família que luta por igualdade social e valorização do seu trabalho é uma grande contribuição.

A partir deste contexto, hoje vejo o quanto é importante valorizarmos os ensinamentos dos mais velhos, em vida, para que suas histórias não passem despercebidas. Portanto, me considero privilegiada, pois tive o prazer de conviver com meus avós paternos e aprender o que quiseram me ensinar, pois nenhum dos meus cinco tios seguiu ou procurou seguir estes ensinamentos, de modo que hoje através destas experiências vividas, posso repassá-las para minhas filhas.

Toda família tem sua história, e são, portanto, referências histórico-culturais, que proporcionam a identificação de uma comunidade. Hoje ao refletir sobre estas memórias, percebo o quanto foi importante o acesso àqueles saberes através da cultura oral na minha família, visivelmente uma tradição de comunidades negras e indígenas como forma de priorizar e preservar suas histórias e costumes. Se —toda memória é o produto de um contexto social (SOMBRA, 2014), valorizar as relações entre as pessoas numa comunidade, suas cultura e memórias preservar as histórias de vida que compõem aquele lugar, condição essencial para que se mantenham vivas as práticas e o conhecimento e, assim, ultrapassem gerações.

Portanto, torna-se necessário um levantamento destes ambientes históricos, que cultivam a cultura e cujas histórias ancestrais têm grande relevância para a sociedade como um todo. Assim, um elemento fundamental para transmissão destes saberes são as práticas educadoras e o desenvolvimento de recursos didáticos para auxiliar no que diz respeito à cultura negra e sua importância na construção dos saberes. A construção de materiais didáticos adequados e regionalizados oferecendo informações relevantes da história e cultura local se faz necessária, por não haver um elemento que ligue estas informações em nenhum contexto, a educação se faz presente como acesso no desenvolvimento deste conhecimento.

Segundo os Marcos Legais que fundamentam a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (LDB, lei nº9.394/1996) , a Constituição Federal de 1988 em seu Artigo 205, reconhece

a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando a o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Portanto, e no âmbito do presente estudo, a criação de materiais e recursos pedagógicos que remetem estes conhecimentos através de registros literários e cartilhas explicativas se torna necessária para a formação de indivíduos que se reconheçam enquanto agentes de sua própria história.

Conforme o Plano Estadual de Educação do Rio Grande do Sul

Expandir o atendimento do Ensino Médio gratuito com qualidade social para as populações do campo, para as comunidades indígenas e quilombolas, respeitando as suas características interesses e necessidades;

5.7 Garantir a alfabetização de crianças do campo, quilombolas e de populações itinerantes, sob-responsabilidade da SEDUC-RS e secretarias municipais de Educação, com formação específica para professores com organização curricular e produção de materiais didáticos específicos, desenvolvendo instrumentos de acompanhamento e a identidade cultural das comunidades quilombolas (PEERGS,2018)

Nesta argumentação, as comunidades indígenas e quilombolas tem a garantia de serem realizadas atividades instrutivas que envolvam seus conhecimentos culturais. Assim, o Referencial Curricular Gaúcho, estruturado a partir das dez grandes competências efetivas da BNCC, nos mostra que;

é fundamental o desenvolvimento de um currículo construído a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar

Quilombola na Educação Básica, considerando que é urgente garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais oriundos das comunidades remanescentes de quilombos e das suas formas de produção, contribuindo para o seu reconhecimento, valorização e continuidade, já que as escolas, que estão dentro destas características, não se reconhecem como tal desconhecem, em sua maioria, a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana ou têm experiência consistente em educação das relações étnico raciais.

A construção de propostas pedagógicas direcionadas a realidade destas comunidades respeitando as diferenças metodológicas, valorizando o sujeito, suas histórias e vivências são fundamentais para que se construa uma sociedade culta e igualitária.

O município de Viamão, no Estado do Rio Grande do Sul- RS, com sua grande extensão territorial tem grande potencial para desenvolver estudos direcionados às Ciências da Natureza, porém são poucos materiais didáticos produzidos ou mesmo inexistentes para uso das escolas, em especial as Escolas do Campo.

Por sua vez, inexistem materiais didáticos escolares que identifiquem seus três Quilombos: da Anastácia, Peixoto dos Botinhas e Cantão das Lombas, assim como as histórias que envolvem estes territórios ricos em conhecimentos, repudiando, pois, estes saberes. De outra forma, compreender tais territórios como espaços culturais e fontes de conhecimentos, é preservar suas histórias! Inclusive, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio(PCNEM,2000), é dever do Ensino Médio orientar a formação de um educando para "aprender a conhecer; aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser", formando cidadãos e cidadãs com capacidade de conviver harmonicamente em um país rico em diversidade cultural.

Neste contexto o presente estudo foi realizado no território quilombola do Quilombo da Anastácia, no município de Viamão/ RS, a partir do seguinte tema: **Os conhecimentos, enquanto fazeres e saberes em Etnobotânica e Cuidados em Saúde e Cura, passados através de quatro gerações de mulheres negras e suas lutas pela preservação sociocultural desses conhecimentos ancestrais que envolvem os elementos da natureza local.**

Diante dessa complexidade, o estudo tem como principal objetivo realizar o registro e a tradução de alguns desses conhecimentos ancestrais para a área de Ciências da Natureza na Educação do Campo em Viamão, associando o papel da mulher quilombola como agente essencial na manutenção da tradição e de suas crenças e, assim, contribuindo na valorização da memória cultural do Quilombo da Anastácia.

2 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DE ESTUDO

O município de Viamão foi fundado em 14 de setembro de 1741, mas antes de sua fundação foi um local que fornece elementos fundamentais para a formação do nosso estado.

A importância histórica e social de Viamão iniciou-se quando foi sede das primeiras estâncias de criação de gado. Os grandes rebanhos de gado e cavalos que existiam na Campanha do Rio da Prata transitavam por Viamão para serem comercializados em Laguna (SC). A partir de 1732, o Rio Grande de São Pedro - como era conhecido o RS - passou a atrair colonizadores que se radicaram na região de Viamão. O município, portanto, foi um dos primeiros núcleos de povoamento do estado (formado por lagunenses, paulistas, escravos e portugueses) (Página da prefeitura de Viamão/Viamão Antigo).

Figura 1-Localização do município de Viamão RS.



Fonte: Viamão Wikipédia, 2006.

Com uma grande territorialidade, o município de Viamão foi se constituindo como cidade a partir do suor de negros e indígenas escravos, que ali foram obrigados a obedecer a uma sociedade branca.

É muito importante, na recuperação desse histórico da formação da cidade de Viamão, apontar para a importância do elemento negro no processo. A região recebeu grande influência da população negra. E a própria história da ocupação do RS, está totalmente ligada aos processos de expatriação das nações africanas. (CARLE, 2008, p. 76).

Poucas décadas após o início do povoamento de Viamão, a

então freguesia já apresentava 42% da população composta por cativos de origem africana. Os cativos indígenas somavam 3%, o total de cativos era, portanto de 45%, pouco menos da metade da população, percentual muito elevado se comparado com regiões como as zonas mineradoras da época, ou as zonas de plantation, na região de Buenos Aires, por exemplo, a população cativa era de apenas 15%,4, dentro do contexto português, Sorocaba contava com 15,6. Comparando com zonas pecuaristas como o Piauí colonial (55% de escravos), Viamão não apresenta tanta distinção (KÜN, 2008, p. 88-89).

Mesmo na luta por igualdades ao longo da história, podemos identificar que ainda se tem uma sociedade que tenta situar a escravidão como algo que passou e que não deixou marcas, por exemplo: a expressão —cativall, na citação acima, tenta minimizar uma realidade regida pela opressão de pessoas que deram suas vidas para a formação do nosso país. Tais situações e narrativas em nossa sociedade tentam minimizar o que realmente foi a época escravocrata, onde índios e negros sofreram brutalmente e seus remanescentes ainda lutam por uma sociedade que valorize e respeite suas raízes.

Diante disso, como um município que é constituído por grande pluralidade étnico-cultural, não valoriza, porque não prioriza suas comunidades indígenas e quilombolas? Viamão tem três Quilombos há cerca de um século! E a maior parte da população viamonense ainda desconhece suas existências!

Figura 2- localização dos Quilombos de Viamão



Fonte: Prefeitura Municipal de Viamão-Adaptado

As comunidades do Quilombo Peixoto dos Botinhas e do Quilombo Cantão das Lombas estão localizadas entre as regiões de Águas Claras e Capão da Porteira, na zona rural de Viamão.

O Quilombo da Anastácia, nosso ambiente do presente estudo, local de muitas histórias envolvendo fugas e acolhimento de homens e mulheres negros escravizados que fugiam das fazendas e estâncias da região, localiza-se na

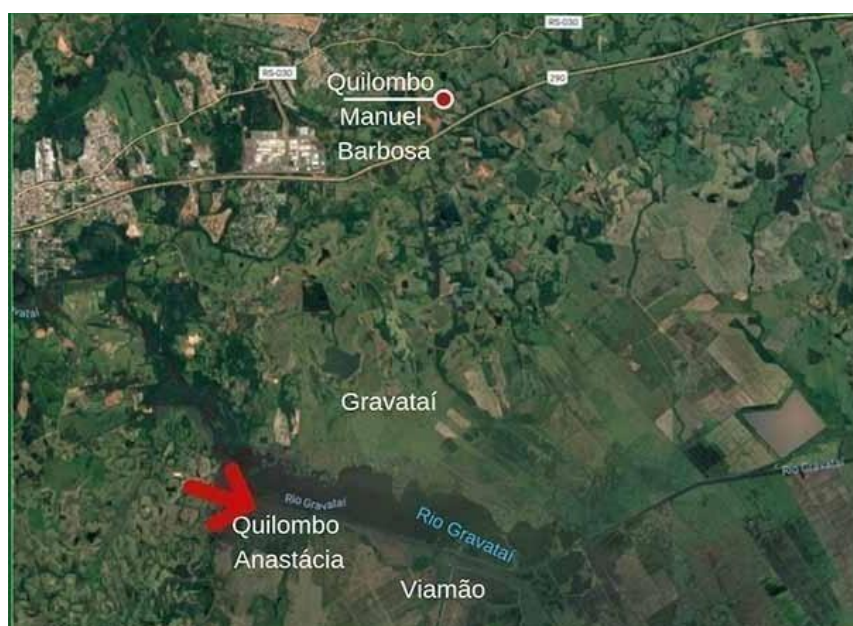
região do Passo dos Negros, também na zona rural de Viamão.

Essa região ficou conhecida assim por serem aonde os negros fugiam de um lado ao outro através do rio Gravataí, ora se refugiando no Quilombo Manuel Barbosa (em Gravataí), ora no Quilombo da Anastácia (em Viamão).

Trata-se, também, de região com significativa área de vegetação ciliar, fundamental para a preservação da fauna e flora locais.

Estas comunidades quilombolas se mantêm, até hoje, cultivando sua cultura e mantendo suas tradições para as próximas gerações que ali nascerão.

Figura 3- localização dos Quilombos da Anastácia e Manoel Barbosa



Fonte Eduardo Torres, 2018.

De acordo com o Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003 regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Seguindo esta linha a Normativa nº57, de 20 de outubro de 2009 o art. 3º. Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnicos raciais, segundo critérios de auto definição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. E o art. 4º. Consideram-se terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos toda a terra utilizada para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. (INCRA, Legislação quilombola condensada).

Para a certificação latifundiária das comunidades quilombolas, hoje com o nosso atual governo, representado pelo Presidente Bolsonaro, impossibilitam uma certificação rápida, pois a grande maioria destas comunidades se encontra em ambientes de grande interesse, de políticos que defendem o agronegócio. Outro aspecto visível é a beleza do Quilombo Anastácia (figura 4) que chama a atenção para o mercado imobiliário. Todos estes aspectos e interesse nas terras quilombolas são diretamente sentidos pelos moradores do quilombo que por sua vez ficam a mercê de uma sociedade capitalista.

“A sinalização é de enterrar o processo de titulação dos territórios quilombolas, diminuir o status do INCRA, um órgão estratégico não só para a titulação, mas também para a governança fundiária do país”, (Moraes, 2019)

Figura 4 - Recantos do Quilombo da Anastácia.



Fonte: Débora Rodrigues.

Figura 5 - Detalhe da localização do Quilombo Anastácia



Fonte: Google Earth, 2020.

Segundo informações do INCRA/RS o território identificado/reconhecido como Quilombo da Anastácia tem 64,1264 hectares, beneficiando 16 famílias. A ocupação da área remonta ao início do século XX, com a formação do núcleo familiar de Anastácia Reis e Olímpio Gomes, que foram para a região morar em terras de parentes libertos da escravidão. A área legitimamente herdada por Anastácia foi sendo reduzida ao longo do tempo por várias ocorrências – entre as quais, a construção de uma barragem na década de 50 do século passado (Arquivo INCRA/RS).

Historicamente o local é conhecido pelas comunidades no entorno, como —Lagoa da Anastácia, onde em épocas de cheia do rio Gravataí ela auxiliava os navegantes, que tinham suas embarcações viradas pela ação das águas. O local também abrange as plantações de arroz, que por necessidade de maior fluxo de água foi construído a barragem (1962), assim facilitando o bombeamento da água para a prática do cultivo de arroz das fazendas que ficam ao redor do quilombo.

Estas tecnologias construídas pelo homem impactaram o curso do rio Gravataí, assim como a fauna e flora local.

Figura 6 - “Lagoa da Anastácia”



Fonte: Débora Rodrigues

Os registros e as narrativas que envolvem o Quilombo também são marcados pela figura feminina de Hortência (Figura 6), mulher de garra que junto com seu marido, ambos não mais escravos, se estabeleceram às margens do rio e assim conduziam os escravos pelas águas do Gravataí em busca da sonhada liberdade.

A véia Hortência e o marido tinham um pedaço de terra, não eram mais escravos, e quem fugia sabia que ali estaria seguro. A minha bisavó botava o pessoal em caíques e atravessavam eles pelo Rio Gravataí, para o lado de Gravataí, onde tinha outro pedaço de terra do Manuel Barbosa, também liberto, para proteger os negros. E quem fugia do lado de lá, passava para cá. A gente ouvia as histórias que a vó contava de vezes que a Hortência, mesmo sendo liberta, também foi para o tronco porque deu abrigo aos escravos que seriam mortos — conta a atual liderança da Associação Quilombo Anastácia, Berenice Gomes de Deus (Eduardo Torres | Publicada em 20/11/2018 às 13h08| Atualizada em 11/12/2018 às 14h54)

De acordo com MUNANGA & GOMES (2006), a história da escravidão mostra que luta e organização, marcadas por atos de coragem, caracterizaram o que se convencionou chamar de —resistência negra— cujas formas variam de insubmissão às condições de trabalho, revoltas, organizações religiosas, fugas, até aos chamados mocambos ou quilombos, de inspiração africana, os quilombos brasileiros constituíram estratégias de

oposição a uma estrutura escravocrata, pela implantação de outra forma de vida, de outra estrutura política na qual se encontram todos os tipos de oprimidos. Desse modo, os laços de solidariedade e o uso coletivo da terra formaram as bases de uma sociedade fraterna e livre das formas mais cruéis de preconceitos e de desrespeito às suas humanidades.

É necessário respeitar e compreender a diversidade de anos de luta. Assim o Quilombo da Anastácia representa a luta enquanto Comunidade Negra Rural, singular no seu modo de vida.

A atitude participativa e responsável do sujeito pelo conhecimento resgata o significado de suas buscas individuais e coletivas e o coloca diante de si mesmo (GUSDORF, 2003), de modo que o conhecimento necessita do sujeito como um todo, responsável é envolvido com o mundo e com o peso de suas ações.

Segundo Monteles e Pinheiro (2007), as comunidades tradicionais em função da forte influência do meio natural apresentam modos de vida e cultura diferenciados. Seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais e a forma como apreendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiências e racionalidades, mas em valores, símbolos, crenças e mitos. Entretanto, as novas gerações parecem estar se perdendo por displicência, em uma sociedade que é marcada pelo desinteresse sociocultural da memória.

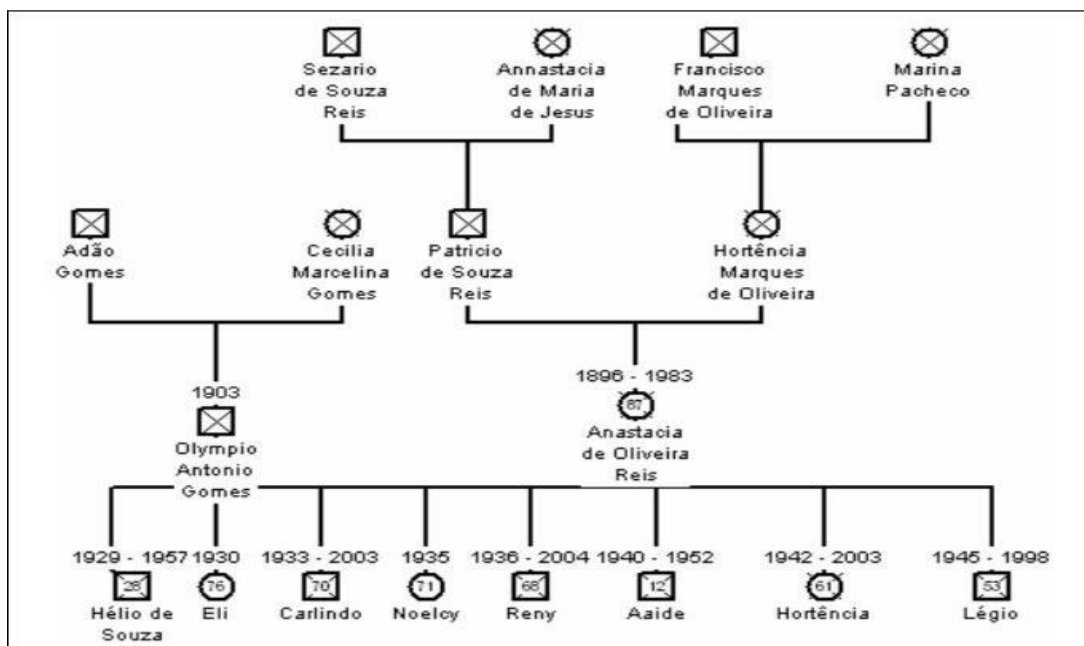
Mas, dentro da cultura quilombola também é importante considerarmos questões relacionadas ao gênero, pois o homem, historicamente, tem sido tratado como o realizador de feitos, demonstrando força e coragem e, sendo intitulados como grandes chefes. No outro extremo está a mulher: frágil e responsável pelas lidas da casa e criação dos filhos. Mas em contrapartida, a cultura negra ressalta a bravura de mulheres como Hortência e sua filha Anastácia, hoje sendo representadas por Dona Berenice.

A participação, a garra e a força da mulher quilombola ganham destaque e sua atuação como liderança nas comunidades é essencial nas práticas e estruturação do quilombo marcando outro perfil de sociedade. Segundo Ignacy Sachs (2000)

a mulher tem um papel importante na preservação dos direitos culturais e naturais de seu povo/de sua comunidade, pois ela contribui para o ecodesenvolvimento, e para uma gestão eficiente de tais recursos, principalmente diante da necessidade dessas comunidades de se auto sustentar economicamente no cenário local e mundial. (SACHS, 2000, p. 325).

Assim Hortência de Oliveira e sua filha Anastácia Reis, são consideradas referências na região por sua luta incessante na manutenção e preservação do quilombo. Após a morte de Hortência (sem registro exato), sua filha Anastácia Reis e seu marido Olympio Gomes juntamente com seus filhos, assumem o papel de cuidar e transmitir os conhecimentos herdados de sua mãe.

Figura 7 - Gerações Da Família de Anastácia

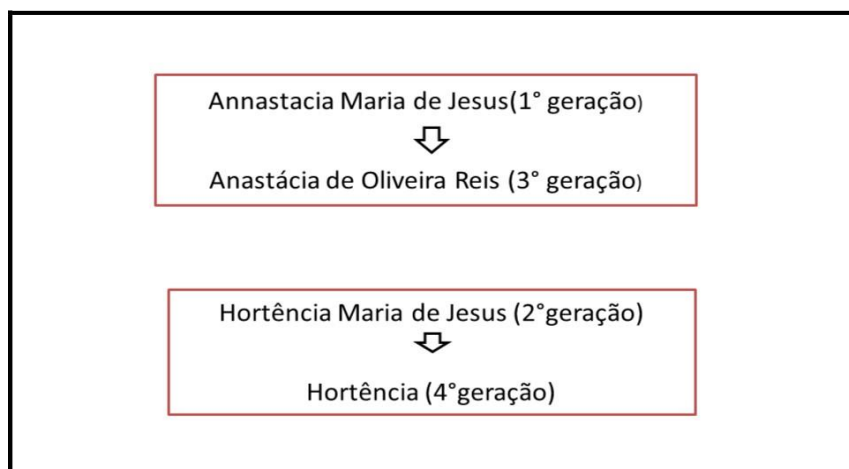


Fonte: Silva, 2006.

Uma característica típica que se observa na estrutura familiar é o fato cultural de se homenagear um membro da família com o nome de seu antepassado. Neste contexto cultural temos Anastácia de Oliveira Reis que recebeu o nome de sua avó paterna Annastacia de Maria de Jesus (Fig.8). Anastácia de Oliveira Reis faleceu no ano de 1983 e seu nome carrega um legado que hoje é homenageado através do intitulado "Quilombo da Anastácia".

Em vida, Anastácia de Oliveira Reis, através dos ensinamentos de sua mãe Hortência Marques de Oliveira, manteve o quilombo, teve cinco filhos homens e três filhas mulheres e como forma de homenagear sua mãe colocou o nome de Hortência em sua filha mais nova, hoje já falecida.

Figura 8 - O nome e suas referências entre as gerações.



Fonte: Débora Rodrigues.

Podemos perceber que as valorizações da história cultural das famílias são fundamentais para entendermos a construção da memória. Cada particularidade representa um sentido, um significado que se não for valorizado acaba se perdendo com o tempo. As tradições antigas são fragmentos que comprovam a existência de elementos essenciais para a construção da sociedade. Os fatos que cada pessoa vivenciou ao longo da sua vida é a confirmação de sua existência que ao não serem compartilhados acabam no esquecimento

Figura 9 - Anastácia de Oliveira Reis e descendentes.



Fonte: Arquivo da Família Anastácia

3 AS CIÊNCIAS DA NATUREZA E O CONHECIMENTO QUILOMBOLA

O ser humano aprendeu a distinguir elementos da natureza e a empregar na sua vida cotidiana, constituindo seus conhecimentos pela prática de manusear ferramentas para sua própria subsistência. Por sua vez, a manipulação de plantas como elemento curativo também é baseada no conhecimento empírico. No Quilombo da Anastácia não foi diferente: a comunidade teve que se organizar e se apropriar da sabedoria dos mais antigos para se manter nas terras herdadas pelos seus pais.

A participação dos membros mais antigos de uma comunidade na transmissão de conhecimentos etnobotânicos é algo indispensável, uma vez que os mesmos costumam conservá-los (AMOROZO, 1996).

A Etnobotânica se caracteriza pelo estudo das plantas e seus usos práticos através do conhecimento tradicional de uma cultura local e seus integrantes, tornando-se um importante instrumento que possibilita conhecer a cultura da comunidade quilombola e como se constituem os saberes através das plantas locais e sua utilização como fonte de cura. Portanto, a Etnobotânica permite, através das Ciências da Natureza, resgatar e valorizar os saberes populares fazendo uma conexão entre estes e a Ciência.

As práticas e memórias sobre cura e alimentação são também referências que influenciam ações coletivas e fortalecem os territórios (terra e corpo). E o que anteriormente era somente símbolo de “atraso”, atualmente, pode ser ressignificado sob outra perspectiva, como patrimônio cultural. (Pinheiro, 20019)

A chamada medicina tradicional, com sistemas terapêuticos fundamentados em culturas locais e/ou ancestrais para a manutenção da saúde, formou parte de nossa herança contemporânea. Trata-se de saberes, conhecimentos técnicos e práticas que podem ser reconhecidos como patrimônio e que frequentemente são protagonizados por mulheres (Marques, 2008)

Além da Etnobotânica, diversos outros conhecimentos práticos e tecnologias presentes no Quilombo da Anastácia podem ser percebidos e interpretados pelas Ciências da Natureza. Contudo, nos tempos-espço da presente pesquisa e suas limitações devido ao isolamento social pela pandemia de Covid-19, farei adiante apenas a apresentação de como as mulheres quilombolas faziam a lavagem de roupas naquela comunidade.

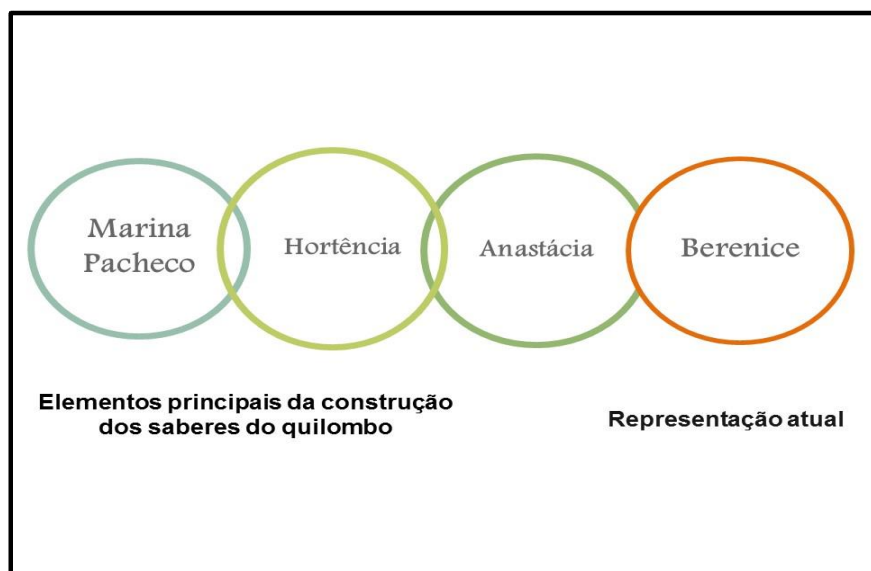
3.1 AS MULHERES QUILOMBOLAS, CONHECIMENTOS LOCAIS E DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS.

As mulheres exercem ao longo da história um papel fundamental direcionado aos fazeres da casa e principalmente nos cuidados com a família, visão esta que tenta moldar uma imagem romântica em uma sociedade machista.

De acordo com Pastore et al. (2009), no meio rural as relações de gêneros desiguais são mais visíveis e se manifestam de forma mais aparente, devido ao forte conservadorismo ainda presente nas famílias e na cultura rural, principalmente ligadas às questões religiosas e de origem étnica, que constituem valores patriarcais que mantêm a figura masculina com superioridade.

O papel desenvolvido pela mulher quilombola mostra sua garra e luta para manter sua família, e comunidade, de forma digna e acima de tudo livre. Assim as representações do Quilombo Anastácia são focadas em mulheres que por sua determinação e conservação de suas raízes são a afirmação que a mulher exerce um papel de relevância cultural e socioambiental na sociedade. Relacionando a questão cultural podemos perceber, ao longo da trajetória da comunidade do Quilombo da Anastácia, o desempenho de mulheres que diante das suas dificuldades conseguiram manter suas cultura e tradições.

Figura 10 - A mulher e suas representações no quilombo Anastácia



FONTE: Débora Rodrigues.

Figura 11 - As plantas e o conhecimento popular



Fonte: Débora Rodrigues

A quinta geração representada por Dona Berenice torna forte estes fragmentos culturais pela forma que conduz o conhecimento das gerações passadas e adicionadas às suas experiências e visão atual, mas mantendo os costumes de tratarem suas enfermidades através das plantas cultivadas ou preservadas localmente.

A chamada medicina tradicional, com sistemas terapêuticos fundamentados em culturas locais e/ou ancestrais para a manutenção da saúde, formou parte de nossa herança contemporânea. Trata-se de saberes, conhecimentos técnicos e práticas que podem ser reconhecidos como patrimônio e que frequentemente são protagonizados por mulheres (Marques, 2008),

Neste entendimento de ancestralidade, Anastácia de Oliveira Reis é lembrada como elemento fundamental da história do quilombo e no envolvimento que tinha nos afazeres e lida no campo.

“Toda lida ela fazia, cuidava do bicho, capinava.”(fala de Dona Berenice de Deus, 2019).

Segundo dados levantados no Quilombo da Anastácia a partir do estudo antropológico —De gente da Barragem a Quilombo da Anastácia (Silva, 2006), os afazeres e divisões de trabalho mostram a importância do

papel da mulher quilombola.

Aí quando foi um dia, ta chegou a época da prantação, eles foram fazê prantação e eu fiz a horta com a falecida, e era mais ou menos nessa época, e era tempo de prantá... era o mês de se prantá... era na parte do inverno, aí eu fiz a horta, prantei, arrumei muda, o falecido trazia muda, fizemo um galinhero, ela me ensinou a fazê, ensino uma veiz. Também não precisava, porque aí eu já sabia, ela já tinha me ensinado, eu fiz a horta linda, bah! Deu um monte de verdura naquela horta, prantei apim naquela horta. (Dona Cida, 69 anos, Viamão)(Silva,2006)

Assim como os relatos de Dona Berenice, trazem sempre a referência e a sabedoria da Vó Anastácia e seu envolvimento com o quilombo. Quando perguntado sobre o avô Olímpio, nada se tem a dizer.

“Ele faleceu muito cedo, eu não cheguei a conhecer”. .”(fala de Dona Berenice de Deus)”

Outro aspecto marcante que envolve o conhecimento e exploração dos recursos naturais do local é o uso do —capim santa féll (*Panicum prionitis* Nees), planta nativa no Rio Grande do Sul que ocorre em solos extremamente úmidos, lodosos (Boldrini et al. 2008). No Quilombo está localizado às margens do rio Gravataí, embora na região também seja conhecido como —Lagoa da Anastácia. As mulheres do quilombo colhiam a planta para vendê-la nas redondezas, pois é utilizada na construção de telhados.

Dona Cida: Nós cortava. A falecida vó pegava, empreitava o Santa-fé, que as pessoas que queriam eram aqui de Viamão, de Porto Alegre, até lá em Guaíba tem... tem palha... garpão de palha cortado com os nossos braço, dicerto ainda existe até hoje, não sei. Então, a falecida vó empreitava, ou o Marcilio (genro da Anastácia), quando o Marcilio não tava trabalhando, ele empreitava e os caminhão iam buscá, aí nós tirava, eles diziam a quantia, nós derrubava ... E aí marcava mais o menos o tempo, que o falecido marcilio, tinha muito cárculo, carculava, eles carculavo, a falecida vó Anastácia também, qual era o tempo que ia levá pra tirá aquela carga, aí nós descascava, cada um cortava pra si, nós chegava a tirá 50 (cinquenta) feixe por dia, parmo e meio de artura da cabeça.(Silva,2006)

Figura 12 - Capim Santa Fé



Fonte: Débora Rodrigues.

Seus alimentos vinham da horta, e essa prática do cultivo de verduras e legumes, se mantém até hoje.

Figura 13 - Horta de dona Berenice



Fonte: Débora Rodrigues.

Outro aspecto muito importante é o uso das plantas como medicamento para as enfermidades. Dona Berenice em suas lembranças, conta que na época de Hortência usava as plantas do local, para amenizar as dores e machucados dos escravos que fugiam das fazendas. Tradição herdada por Anastácia.

Dona Cida, a senhora lembra de outras coisas como se tinha... alguém que fazia benzeduras, chás? Quando alguém adoecia? Dona Cida: A Anastácia que ensinava pra nós qual era o chá que era pra fazê. Ela tinha, ela plantava. A senhora lembra quais eram os chás que ela plantava? Dona Cida: Era os mesmo que eu tenho em roda da casa. P: Quais? Dona Cida: Erva cidreira, cidró, capim cidró, é marva cherosa marva lisa, tem um monte de chá que até já neim me alembro mais... O como é que e o nome mesmo pra gripe... pé de marva. E pra fazê xarope de banana do mato, mel de abelha, era muito difícil tê gripe. (...) Ah, doenças mais grave nós ia pro médico, mas era muito difícil. P: E quando as mulheres ganhavam nenê também tinha chá? A senhora tinha falado de um chá antes que era para apressar a dor? Dona Cida: Loro. Chá de loro, marcela, tudo isso era pra apressá a parí! Tudo isso. Tomei muitas dose de chá, ainda me lembro. E depois que ganhava tinha algum chá especial pra tomá? Dona Cida: Não. Aí a gente cuidava do jeito que Deus queria. P: E esses chás? Dona Cida: Era do jeito nosso! O cravo da índia, canela era os chá que a gente tomava. Ela me fazia toma mel de pau da abelha, ela fazia no pé da figueira e nós cortava as árvore... ela me curou de bronquite e nós aprendemo. Ela morreu e eu fiquei fazendo simpatia pra bronquite. Ela benzeu o gado, uma vez que tavam com bicho no campo, benzia dor de dente, íngua benzida na porta, várias coisa eu herdei dela. Muita coisa eu tenho dela, que ela me ensinou, sempre que eu vou usar a meta que ela me ensinou, eu uso e consigo chega lá naquilo que eu quero fazer. (Clarice, 51anos, neta(Silva,2006).

Através destas memórias, o uso de plantas medicinais pelas mulheres do Quilombo da Anastácia era uma fonte alternativa para a cura de suas enfermidades, pois o distanciamento e a falta de recursos para a busca de atendimento médico era muito grande.

Atualmente, a comunidade que ali reside ainda sofre com este distanciamento, porém o município disponibiliza uma unidade móvel de saúde, que acompanha os mais velhos através de consultas no próprio Quilombo. Entretanto, tudo isso não supre suas necessidades, pois, os mesmos por serem idosos não tem respaldo para uma consulta digna e de qualidade.

“Não tem como um médico mi examinar, a pessoa sentada na bera da mesa, não tem como”.

Ele só pode nos olha ali. Mais não pode, não tem como examina uma pessoall. (*Quilombo da Anastácia Território Sagrado*)

Neste contexto o que se percebe nas falas de dona Berenice é um modelo típico da cidade que o medico tenha uma mesa e a partir disso estabelece uma barreira entre dois mundos diferenciados pela condição financeira.

Assim como Hortência e Anastácia, Dona Berenice seguiu a tradição de usar plantas, como recurso medicinal, isto é, confirmando que as famílias preservam estes conhecimentos.

Figura 14 - Os Chás de dona Berenice no seu fogão a lenha



Fonte: Débora Rodrigues.

Sobre os cuidados pessoais, principalmente “*nas épocas mais delicadas da mulher*”, as lembranças que conta sua tia Cidinha vem agregar, o empoderamento e a garra de Anastácia.

Quando a veia menstruava a tia Cidinha conta pra nós que ela colocava um lençol véio no meio das pernas e botava uma borracha que aquele tempo não era elástico era borracha, amarrava na cintura prendia e assegurava. Ela não usava calcinha, usava três quatro saias uma por cima da outra —Na nossa época nois já nacia usando calcinha nois não tinha modis nois usava paninholl. (*Dona Berenice*).

Esta prática de utilizar absorvente íntimo feminino de tecido demonstra que as relações do ontem e do hoje estão sendo retomadas com a preocupação sobre os impactos ambientais dos absorventes sintéticos industriais. Atualmente existem, em alguns mercados, os absorventes

ecológicos nada mais são do que os paninhos que nossas ancestrais utilizavam.

Um espaço de interação das mulheres era o açude rodeado pela natureza, no qual, ajoelhadas à margem, lavavam as roupas para as famílias dos fazendeiros, usando o anil.

Figura 15 - Açude da Anastácia



Fonte: Débora Rodrigues.

“Elas tinham que ficar bem alvejada com anil, a aquelas roupas dela por que senão elas seriam chamadas de relaxadas de nega porca” Dona Berenice (Quilombo da Anastácia Território Sagrado).

Podemos perceber na imagem do açude (Fig.12), a utilização de sacas cheias de terra para conter a água, facilitando a lavagem das roupas.

“A vó Anastácia lavava roupa pra fora lá no açude dela, aquilo tinha que ser bem albinho, branquinho, branquinho”. “Ela lavava aquelas coisa lá e botavano a quarador, botava anil, aquilo parecia um doce de coco, e aí se não ficasse branco eles mandava de volta” (Dona Berenice).

O sabão utilizado na lavagem das roupas era feito a partir das gorduras (sebo e graxas que retiravam do gado no seu abate) e colocadas em panelas com soda cáustica (hidróxido de sódio).

“Hoje eu faço com azeite que sobra”.

“Sabão em pó, aqui não existia principalmente aqui essas coisas nova”. (Dona Berenice).

Figura 16 - Sabão produzido por dona Berenice



Fonte Débora Rodrigues.

Estas evidências fortalecem a necessidade de se conhecer as tradições e conhecimentos ancestrais, pois cada cantinho daquela terra tem um pouco de história que envolve conhecimento e um respeito pela natureza, na qual Anastácia andou com os pés descalços e, com todas as dificuldades, criou seus filhos livres.

Um ambiente cheio de afetos e recordações que devem ser lembrados e respeitados por todos, como parte da construção da história do nosso município.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda trajetória do Quilombo da Anastácia as memórias são regadas de ensinamentos, muitos dos quais chamaram minha atenção pelo envolvimento que unia as práticas ancestrais das mulheres quilombolas com as Ciências da Natureza.

Todos esses conhecimentos passados pelas gerações seguintes em alguns momentos são apenas lembrados, pois com o desenvolvimento de novas tecnologias, um novo pensamento se ergue e as tradições do local, acabam dando espaço para novas perspectivas de se melhorar a qualidade de vida.

Os jovens que ali cresceram, diferentemente dos seus pais, buscam

novas formas de viver. A própria sociedade induz a ideia que o moderno é o correto, e isso se reflete diretamente nas tradições e no território quilombola.

Contudo, preservar as memórias ancestrais é valorizar a luta diária que se mantém nestes territórios pelos mais velhos. Baseada em todo este conhecimento antigo, percebo que não há história sem vivência ancestral, pois um número desconhecido de informações que temos na sociedade hoje se originou de alguma lembrança histórica.

As Ciências da Natureza, como área de conhecimentos, possibilita certa integração de saberes ancestrais com os contemporâneos da Ciência através, por exemplo, da Etnobotânica e outras práticas e tecnologias locais. A Educação do Campo no campo é a base essencial que permite a interação do ontem e do hoje nestas comunidades tradicionais no campo, no caso dos quilombos, que necessitam ser vistas como ambiente de geração e troca de saberes atuais e ancestrais, onde preservar suas histórias é preservar valores.

Os conhecimentos que pude adquirir no Quilombo da Anastácia fortaleceram mais minha visão sobre ouvir os mais velhos e valorizar suas histórias e, principalmente, assumir o papel de mulher Negra, numa sociedade que ainda nos vê como inferiores, sem cultura e tradição.

5 REFERÊNCIAS

OLHOS DE HORTÊNCIA - PARTE 1. DIREÇÃO: APN VG. [S. L.: S. N.], 2006.

DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R4HQDZ4WMUM&T=7S](https://www.youtube.com/watch?v=R4HQDZ4WMUM&t=7s). ACESSO EM: 22 AGO.2020.

OLHOS DE HORTÊNCIA - PARTE 2. DIREÇÃO: APN VG. [S. L.: S. N.], 2006.

DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R4HQDZ4WMUM&T=7S](https://www.youtube.com/watch?v=R4HQDZ4WMUM&t=7s). ACESSO EM: 22 AGO.2020.

DOS SANTOS SALES, GIOVANA PATRÍCIA, NEVES DE ALBUQUERQUE, HELDER, FARIAS CAVALCANTI, MÁRIO LUIZ ESTUDO DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA SENHOR DO BONFIM - AREIA-PB. REVISTA DE BIOLOGIA E CIÊNCIAS DA TERRA [EN LINEA]. 2009, (1), 31-36 [FECHA DE CONSULTA 7 DE NOVIEMBRE DE 2020]. ISSN: 1519-5228. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.REDALYC.ORG/ARTICULO.OA?ID=50026200002](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=50026200002)

VINHOLI JÚNIOR, A. J.; VARGAS, I. A. DE. PLANTAS MEDICINAIS E CONHECIMENTO TRADICIONAL QUILOMBOLA: UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL. REVISTA ELETRÔNICA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO TRÊS LAGOAS, N. 12, P. 150-173, 1 NOV. 2020
ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICAS. PORTO ALEGRE: UFRGS, V. 9, N. 21, 13 OUT.2008. MENSAL. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://SEER.UFRGS.BR/ILUMINURAS/ARTICLE/VIEW/9301](https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301). ACESSO EM: 6 NOV. 2020.

BONI, PAULO CÉSAR ET AL. FOTOETNOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA PARA O RESGATE ETNOGRÁFICO. 2017. 20 F. DISSERTAÇÃO (DOUTORADO) - CURSO DE FOTOGRAFIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, 2017. CAP. 3. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.DOC.UBI.PT/03/ARTIGO_PAULO_CESAR_BONI.PDF](http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf).

ACESSO EM: 7 OUT. 2020. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW2.UFRB.EDU.BR/REVISTAENTRELACANDO/IMAGES/EDICOES/VOLUME11/ARTIG](https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/images/edicoes/volume11/artigos/5_sala_de_aula_relato_de_uma_experiancia_vivenciada_pela_com_vida_em_comunidades_quilombolas_pags_38_-_52.pdf)

[OS/5_SALA_DE_AULA_RELATO_DE_UMA_EXPERI%C3%8ANCIA_VIVENCIADA_PELA_COM_VIDA_EM_COMUNIDADES_QUILOM](https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/images/edicoes/volume11/artigos/5_sala_de_aula_relato_de_uma_experiancia_vivenciada_pela_com_vida_em_comunidades_quilombolas_pags_38_-_52.pdf)

[BOLAS_P%C3%A1GS_38_-_52.PDF](https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/images/edicoes/volume11/artigos/5_sala_de_aula_relato_de_uma_experiancia_vivenciada_pela_com_vida_em_comunidades_quilombolas_pags_38_-_52.pdf). ACESSO EM: 06 NOV. 2020.

AUGUST 2017 REVISTA DA FAEEDBA- EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE 26(49)

DOI: 10.21879/FAEEDBA2358-0194.V26.N49.3943

DISPONÍVEL EM: [HTTPS://LUME.UFRGS.BR/HANDLE/10183/5794](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5794). ACESSO EM: 5 NOV.

2020. DISPONÍVEL

EM:

[HTTP://BDTD.IBICT.BR/VUFIND/RECORD/URGS_8CE9CEA6F4173948E8EB0075DC29B927/DESCRIPTION](http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/URGS_8CE9CEA6F4173948E8EB0075DC29B927/Description). ACESSO EM: 05 NOV. 2020.

QUILOMBO DA ANASTÁCIA TERRITÓRIO SAGRADO. DIREÇÃO DE FT KADU CASALES. REALIZAÇÃO DE ADRIANO BELLO VÁZQUEZ NEVES. VIAMÃO, 2020.

COLOR.

DISPONÍVEL

EM:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=M5NBYnXTDc&t=361s](https://www.youtube.com/watch?v=M5NBYnXTDc&t=361s). ACESSO EM: 04 NOV. 2020.

VIU, ALESSANDRA F. M.; VIU, MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA; CAMPOS, LETÍCIA ZENÓBIA DE OLIVEIRA. ETNOBOTÂNICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?. REVISTA BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA, [S.L.], v. 5, n. 1, MAY 2010. ISSN 1980-9735.

DISPONÍVEL

EM:

<[HTTP://REVISTAS.ABA-](http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/9525)

[AGROECOLOGIA.ORG.BR/INDEX.PHP/RBAGROECOLOGIA/ARTICLE/VIEW/9525](http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/9525)>.

ACESSO EM:

02 NOV. 2020

PINHEIRO, P. DOS S.; SILVA, M. L.; RODRÍGUEZ, M. P. FEMINISMOS NÃO HEGEMÔNICOS CONTEMPORÂNEOS: LUTAS COTIDIANAS EM DEFESA DE TERRITÓRIOS.

REVISTA ÁRTEMIS - ESTUDOS DE GÊNERO, FEMINISMOS E SEXUALIDADES, v.

27, n. 1, p. 306-321, 11 JUL. 2019.